



# REFLEXÕES SOBRE A ESCOLA E A FORMAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

*Cintia Aparecida Mendes Silva<sup>1</sup>*

*Liliane Barros de Almeida Cardoso<sup>2</sup>*

*Simone de Magalhães Vieira Barcelos<sup>3</sup>*

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: cintiapro.red@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação – UEG/Inhumas.

<sup>3</sup> Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação – UEG/Inhumas.

## Resumo

Este ensaio tem por finalidade refletir sobre o trabalho intelectual na educação escolar. A pesquisa é de cunho teórico decorrente de revisão bibliográfica sobre o tema em questão. Busca-se, por meio da discussão histórico-filosofia clássica pensar as concepções: educação, conhecimento e saber. Discorre-se, ainda, sobre a educação ocidental contemporânea com vistas a compreender o exercício da leitura e da escrita na educação e na escola. Daí a pertinência e importância do presente estudo ao se dedicar a pôr em questão o trabalho intelectual, quer dizer, a leitura e a escrita como formas de pensar o mundo e a educação e como atividades que estão intrinsecamente ligadas à formação do homem em sentido amplo. Dentre os autores referência do presente estudo, estão: Coêlho (2008, 2009, 2011, 2012) e Chauí (2016, 1980). A fundamentação teórica assumida no percurso deste estudo permite asseverar que, apesar de estar em curso um projeto de educação para a instrumentalização, é possível materializar o trabalho intelectual na escola contemporânea, mas para que isso se confirme é necessário reconhecer a leitura e a escrita como atividades intelectuais constitutivas da formação do sujeito em sentido amplo. A escola contemporânea é uma realidade complexa e dinâmica que merece ser melhor investigada.

---

**Palavras - chave:** educação; leitura; escrita; formação humana

## Abstract

This essay aims to reflect on intellectual work in school education. The research is of a theoretical nature, resulting from the literature review on the topic in question. Through the classical historical-philosophical discussion, it is sought to think the conceptions: education, knowledge and knowhow. Also, it discusses contemporary western education, in order to understand the reading and writing exercise in education and at school. Hence the pertinence and importance of the current study to dedicate questioning intellectual work, that is, reading and writing as ways of thinking about the world and education, and how activities that are intrinsically linked to the formation of a person in a broad sense. Among the reference authors of the present study are: Coêlho (2012, 2011, 2009, 2008), Chauí (1980, 2016) and others. The theoretical foundation assumed in the course of this study allows to assert that, despite an education project for instrumentalization is in progress, it is possible to materialize intellectual work in contemporary schools, but to confirm that, it is necessary to recognize reading and writing as intellectual activities constituting the formation of the subject in a broad sense. The contemporary school is a complex and dynamic reality that deserves to be better investigated.

---

**Keywords:** education; reading; writing; human formation

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se trata de uma breve revisão bibliográfica sobre as concepções de Educação e Formação desde a Grécia clássica à Modernidade. Um dos autores basilares foi o historiador Cambi (1999) que provocou a reflexão sobre a escola contemporânea, o conhecimento e a formação humana. Esse aporte teórico faz que inicie o texto com um breve histórico sobre Educação e formação, a fim de apontar de forma sucinta a trajetória da Educação no ocidente que foi preponderante para nossa formação. Pois os filósofos gregos através de investigação da natureza humana tinham a formação humana como objeto de suas reflexões. A filosofia surge como uma forma de ver e de pensar o mundo diferente do pensamento mítico.

No presente artigo pretendemos refletir, por meio de um olhar histórico-filosófico, sobre a constituição do conhecimento, destacando a relação no tocante ao saber e a formação humana, haja vista que escrever é uma forma de pensar o mundo. Assim sendo, levando em consideração a relação entre conhecimento, saber e sociedade, qual é a importância da escola em todo seu exercício do pensar, da leitura, da reflexão do trabalho escrito, da arte, da música, da literatura e da formação humana?

Na contemporaneidade, como assevera Coêlho (2012), a realidade educacional das escolas brasileiras tem sido orientada por um projeto de educação e formação centrado na instrumentalização. Esse tipo de educação instrumentalizada pouco contribui para a formação em sentido pleno, como pensavam os gregos antigos. Na contramão desse modelo em vigor, é necessária uma reflexão sobre a educação para a formação humana, uma educação clássica, como argumenta Marrou (1975). Assim, este artigo põe em questão a constituição do conhecimento e

do saber e, ao pensar essa constituição busca fazer a crítica sobre a fragmentação do conhecimento no contexto escolar na contemporaneidade. Busca-se pensar o trabalho intelectual possível na escola, quer dizer, busca-se pensar a formação humana por meio do trabalho intelectual. Desse modo, num primeiro momento é fundamental reconhecer o trabalho educativo como exercício intelectual, trabalho do pensamento.

Objetiva-se pensar o conhecimento e o saber na sociedade, numa visão histórico-filosófico desde a Grécia Clássica. A presente reflexão inicia-se com o retorno a trajetória da Educação da Grécia à Modernidade com vistas a constituição da educação e conhecimento, também, a questão do trabalho intelectual, o trabalho educativo, sobretudo o exercício intelectual da leitura e da escrita na formação humana. E, além disso, devemos pensar a educação como formação humana ou como instrumentalização?

## DESENVOLVIMENTO

### 1. Uma trajetória da Educação da Grécia Antiga à Modernidade

Indubitavelmente, a Grécia Antiga foi um dos mais importantes berços da cultura do mundo ocidental. Muitos dos fundamentos de nosso conhecimento, de nossa racionalidade, da filosofia, da arte, da mitologia, referem-se a essa civilização, pois a filosofia na Antiguidade tem a formação do homem como centro nesse movimento para essa concepção. Além do mais, eles foram os alicerces do pensamento filosófico, político e do conhecimento científico que temos no ocidente.

A história da educação é, hoje, um repositório de muitas histórias, dialeticamente interligadas e interagen-

tes, reunidas pelo objeto complexo “educação”, embora colocado sob óticas diversas e diferenciadas na sua fenomenologia. Não só: também os métodos (as óticas, por assim dizer) têm características preliminarmente diferenciadas, de maneira a dar a cada âmbito de investigação a sua autonomia/especificidade, a reconhecê-la como um “território” da investigação histórica (CAMBI, 1999, p.29).

Para compreender a educação tal como a temos hoje, pautada em pressupostos teóricos gregos, é relevante conhecer a história da educação ocidental, a nossa história, pois como argumenta Cambi (1999), para entender o presente, faz-se necessário pensar e compreender o passado. O autor chama a atenção sobre a importância de reconhecer o passado como possibilidade de compreensão do presente e melhora do futuro. Essa reflexão sobre o passado implica, por exemplo pensar questões como pensar e agir no mundo, quer dizer, refere a escolhas possíveis num determinado contexto. O que está em questão é, sobretudo, a ação humana.

Considerando a convenção que os gregos foram os primeiros a fazer o uso intencional da filosofia como instrumento racional para pensar e interferir no mundo por meio do conhecimento, da reflexão e da argumentação, é relevante nos atermos na conceituação, ou seja, na ideia de *Paidéia* desenvolvida pelo gregos que quer dizer “formação humana livre e nutrida de experiências diversas, sociais e também culturais e antropológicas [...] que atribui ao homem sobretudo uma identidade cultural e histórica” (CAMBI, 1999, p.82 - 87). Na *paideia*<sup>1</sup> grega o conhecimento era considerado como um todo, pois as explicações sobre o real, ainda que antagônicas, dis-

corriam; o ensino, sobretudo em Atenas a partir do Século V a.C., era diverso e fornecido em diferentes espaços e instituições da *polis* a partir das experiências diversas dos indivíduos e os diversos conhecimentos legitimados pela própria sociedade, como por exemplo na *Ágora*, que era como praça onde se debatiam questões relacionadas a *polis* e se caracterizava como um lugar essencialmente de exercício do pensamento e da fala, por meio da argumentação sobre questões relevantes. Essa “atividade educativa total e permanente, [...] faz da polis inteira uma comunidade pedagógica” (CAMBI, 1999, p. 79).

Entendemos que a história é fundamental para alcançar nosso presente, ou seja, é um exercício da memória para compreender o passado e ver possibilidades para o futuro (Cambi, 1999). Esse exercício da memória, não desfaz daquele passado histórico e, muitas vezes o privilegia para fixar melhor o presente.

[...] justamente para fixar melhor a alteridade das formas de vida ou para ler as raízes mais antigas (e profundas) do presente – e sobre este plano a atenção atual dos historiadores se fixa sobretudo na Idade Média ou na Antiguidade -, deve investigar em particular o passado do qual o presente é filho, do qual carrega o patrimônio genético e sobre o qual deve reconstruir a própria autonomia e a própria abertura para o possível e para a finalização. Como? Compreendendo minuciosamente aquele passado em cada uma de suas formas. Inclusive nas formas educativas que constituem talvez o *trait d'union* fundamental entre o passado e o presente: elas são o meio pelo qual o passado age no futuro através das sedimentações operadas sobre o presente (CAMBI, 1999. p.36-37)

---

<sup>1</sup>Também seria apropriado se falar em *paidéias* gregas, já que o conceito foi dinâmico, se transformando com o passar do tempo e visto de formas distintas por diversos filósofos como: Sócrates, Platão, Isócrates, Aristóteles, dentre outros. Ver em: CAMBI, 1999, p.87–93.

Em boa medida a Antiguidade clássica se tornou uma referência para a Educação ocidental, isto se revela, por exemplo, na *família, a organização do Estado, a instituição-escola*, mitos educativos, ritos de passagem, modelos socioeducativos, ou seja, aspectos culturais que vão desde a *pólis* grega até a *res publica* romana.

[...] A Antiguidade produziu passagem, tanto em educação como em ética e até em gnoseologia [...] em torno dos processos educativos [...] A família é o primeiro regulador da identidade física, psicológica e cultural do indivíduo e age sobre ele por meio de uma fortíssima ação ideológica. Esse era também o papel da família na Antiguidade, na qual se caracterizava ora como família patriarcal, ampliada, coincidente com gens ou genos (estirpe), como a definiram os latinos e os gregos, ora como relação pais-filhos, mas sempre segundo um modelo autoritário que vê o pai quase como um deus ex machina da vida familiar (CAMBI, 1999, p. 38 e 80).

Na sociedade medieval a família continuou sendo uma instituição central nas diferentes esferas sociais e não se pode ignorar a força e alcance exercido pela Igreja naquele contexto. A situação da criança, por exemplo, é emblemática nesse período, pois era considerada um adulto em miniatura, como mostra Cambi (1999). A educação da criança era responsabilidade da família, era algo tratado no âmbito do privado. Foi lento o processo em que a sociedade passou a reconhecer a criança como um ser humano social com direitos e deveres. Algo muito distante do que ocorria na Idade Média, contexto em que a criança chegou a ser comparada com animais, sendo, portanto, desprovida de direitos. Como a mortalidade entre as crianças era muito alta, sobretudo por questões sanitárias, não havia vínculo afetivo entre adultos e crianças. No entanto, como mostra Cambi (1999) é preciso reconhecer que a mudança

no modo de ver a criança inicia no final da Idade Média e início Modernidade.

A passagem da Idade Média para a Modernidade não aconteceu livre de tensões, lutas e contradições. Uma das instituições que mais sofreu mudanças foi a família, principalmente no que diz respeito à educação e aos direitos. Um dos principais aspectos no que se refere a criança no contexto da modernidade foi a transferência da educação do âmbito privado para o público. A família continuou sendo um organismo nuclear na responsabilidade pela formação da criança, no entanto, essa educação passa a ser feita na instituição escolar. A família burguesa moderna vivência uma realidade muito diversa daquela experimentada pela sociedade medieval, quer dizer, a modernidade experimentou a institucionalização da criança e isso inaugura uma outra compreensão sobre esse tema.

Portanto, sobre o processo educativo muito foi se transformando desde a Cultura Grega na Idade Média até hoje. A educação na Grécia assinalou uma fase de maturação e de decantação da tradição ocidental: um momento de viravolta e de aquisição de características que permanecerão indelévels[...] (CAMBI, 1999, p.101).

A Modernidade trouxe muitas mudanças no cenário pedagógico e cultural em relação aos valores medievais. A sociedade existente naquela época visava moldar os comportamentos vigentes, visto que a Modernidade idealiza valores com mais liberdade, buscando autonomia diferentemente do ideal daquela civilização grega. Agora, há uma busca por processos civilizatórios, racionalização, institucionalização exercidas sobre os indivíduos/sujeitos. Portanto, neste contexto, o Estado cria instituições, entre elas as escolas. Aqui, neste momento, o Estado é mais centralizador e tem um controle maior sobre as instituições, inclui-se aqui instituições escolares.

O centro motor de todo este complexo projeto de pedagogização da sociedade, de reorganização e de controle, de produção de comportamentos integrados aos fins globais da vida social é o Estado: o Estado moderno, entendido como poder exercido por um centro, segundo um modelo de eficiência racional e produtiva, em aberto contraste com o exercício de outros poderes (eclesiástico, aristocrático) e com a sobrevivência da desordem dos marginalizados (pobres, criminosos etc.). O pêndulo desse centro é o rei, figura burocrática, mas ainda sacralizada, que exerce uma indiscutível hegemonia, funcional para o crescimento de um Estado absoluto e centralizado. (CAMBI, 1999, p. 201).

Ademais, a escola e a família são na Modernidade instituições importantes, quicá bases para a formação dos sujeitos, sendo elas encaminhadas, enquanto indivíduo, não apenas como desenvolvimento social do ser humano, mas sua formação enquanto ser no mundo desde sua infância, adolescência e a vida adulta. Visto que na Idade Média, tais instituições como família e escola eram bem distintas do que se tem na Modernidade

[...] a família era mais ampla e dispersa, composta de muitos núcleos, dirigida pelo pai (herdeiro do pater familias latino) e submetida à sua autoridade, organizada como uma microempresa, mais como um núcleo econômico do que como um centro de afetos e de investimento social sobre as jovens gerações; a escola era sobretudo religiosa, ligada aos mosteiros e às catedrais, não organicamente definida na sua estrutura, nas suas regras e na sua função, não articulada por ‘classes de idade’ e ligada a uma didática pouco específica e pouco consciente. Com o advento da Modernidade, família e escola sofrem uma profunda renovação. (CAMBI, 1999, p.204).

Cambi (1999) e Coêlho (2008, 2009, 2011, 2012) asseveram que a ideia de formação e educação desde os gregos diz respeito à formação do homem em sentido amplo. Assim, a *paideia*, termo que mostra a indissociabilidade entre formação e cultura, é intrínseca à formação humana, muito diferente do que se apresenta na escola contemporânea, contexto histórico em que a escola é marcada pela fragmentação e instrumentalização.

Desconhece a complexidade e as contradições desse mundo em que os homens \_trabalho de formar e de se formar, de compreender a relação com a natureza e o outro, as dificuldades e possibilidades de superação da realidade existente \_ buscam o saber, convivem com a sensibilidade, a imaginação, o pensamento, as ideias, os conceitos, os argumentos e as linguagens. Apesar das declarações em contrário e das boas intenções, predomina a ideologia<sup>2</sup> e as práticas que, em nome da mudança, nada mudam; em nome da autonomia, da cidadania e da democracia, mantêm a desigualdade, a injustiça, a negação de direitos. (COÊLHO, 2012, p.16)

Muitos de nós já lemos a *alegoria da caverna* de Platão que nos remete à questão do conhecimento e do saber, ou seja, como provocar o homem a buscar o mundo das ideias, sair da escuridão e se emancipar para a participação na sua formação e na vida coletiva, como construir e exercitar a autonomia. Esse movimento em busca do conhecimento e sua aquisição para este filósofo passava pelo método do discurso, ou seja, da dialética.

A discussão em torno da cidade ideal cede então lugar, na República, a duas apresentações sintéticas de como se desdobraria o conhecimento humano ao ascender até

---

<sup>2</sup>Ideologia não será objeto de estudo neste artigo

a contemplação do mundo das essências: o esquema da linha dividida e a alegoria da caverna. Uma linha dividida em dois segmentos (AB, BC), um representando o plano, sensível e outro o plano inteligível, serve a Sócrates (aí certamente apenas porta-voz de Platão) para tornar visualizável a ascese dialética. Esses dois segmentos apresentam subdivisões correspondentes a diferentes tipos de objetos sensíveis e inteligíveis e, conseqüentemente, a modalidades diversas de conhecimento: O processo de conhecimento representa a progressiva passagem das sombras e imagens turvas ao luminoso universo das ideias, atravessando etapas intermediárias. Cada fase encontra sua fundamentação e resolução na fase seguinte. O que não é visto claramente no plano sensível (e só pode ser objeto de conjectura) transforma-se em objeto de crença quando se tem condição de percepção nítida. Assim, o animal que na obscuridade “parece um gato” revela-se de fato um gato quando se acende a luz. Mas essa evidência sensível ainda pertence ao domínio da opinião: é uma crença (*pístis*), pois a certeza só pode advir de uma demonstração racional e, portanto, depois que se penetra na esfera do conhecimento inteligível. (PLATÃO, PENSADORES, 1991, p.27-28)

Sendo assim, a instituição educacional é um fator muito relevante para a formação do indivíduo em sua busca pelo conhecimento, pelo saber e do *vir a ser*<sup>3</sup>, deste modo, a família, também, é responsável nesse processo, pois ela é o núcleo deste indivíduo em formação. Além disso, sabemos que é no seio familiar que a criança e o adolescente iniciam essa busca do conhecimento e, este acompanhará seu crescimento pessoal que culminará para sua evolução intelectual, emancipação. Ademais, a constitui-

ção de novos conhecimentos, a ampliação do saber pelos sujeitos em formação dar-se-á no âmbito das instituições escolares e familiar.

## 2. O trabalho intelectual de leitura e escrita e a formação humana

Ao falar em Fundamentos da Educação logo pressupõe falar em ética<sup>4</sup>, filosofia e, também a prática pedagógica. A escola é um ambiente onde se encontra possibilidade de elevar o pensamento e, a formação humana em várias áreas do conhecimento, além de trazer diversificadas leituras e temas relevantes socialmente, há discussões no processo dialético, filosófico e histórico, visando reflexões acerca da possibilidade de estas induzir o indivíduo a emancipação, pois é através de muita leitura, escrita e estudo e muita dedicação que o ser humano apropriará e elevará o pensamento, quiçá a liberdade

[...]o homem é livre porque ele é um começo e, assim, foi criado depois que o universo passara a existir[...]. No nascimento de cada homem esse começo inicial é reafirmado, pois em cada caso vem no mundo já existente alguma coisa nova que continuará a existir depois da morte de cada indivíduo. (ARENDDT, 2008, p.467)

Quando se fala em liberdade, entende-se como o ser humano se constitui no mundo, ou seja, através da autonomia, ele vai buscando sentido em seu processo de apropriação do saber, embora, o saber não se deixa possuir e nem se dá por acabado. A formação que idealizamos desde a Grécia é pautada

<sup>3</sup> Vir a ser: substantivo masculino [Filosofia] Processo de mudanças efetivas pelas quais todo ser passa. ... verbo intransitivo passar a ser; fazer existir; tornar-se ou transformar-se. Etimologia (origem da palavra *devenir*). Do latim *devenire*.

<sup>4</sup> O aspecto axiológico ou a dimensão axiológica de determinado assunto implica a noção de escolha do ser humano pelos valores morais, éticos, estéticos e espirituais. A axiologia é a teoria filosófica responsável por investigar esses valores, concentrando-se particularmente nos valores morais.

num movimento capaz de levar o indivíduo/sujeito a vivenciar a liberdade, o pensamento com vistas a transformação interior, emancipatória. A escola, portanto, é um ambiente que se busca essa formação transformadora do ser humano, porém, nela, os autores sociais impõem normas de comportamentos e ações, sendo que essas normas sociais visam a constituição da moral.

Mas a incorporação dessas normas pressupõe uma espécie de adesão por parte das pessoas, individualmente, ou seja, é preciso que elas vivenciem, no plano de sua subjetividade, a força do valor que lhe é, então, imposto. Os usos, os costumes, as práticas, os comportamentos, as atitudes que carregam consigo essas características e que configuram o agir dos homens nas mais diferentes culturas e sociedades constituem a moral. (SEVERINO, 2001. p.5)

A nossa práxis na educação tem uma intencionalidade<sup>5</sup> para a formação/construção humana, que muitas vezes difere do contexto histórico-social da coletividade. Há em nossa prática educacional uma ética que implica uma construção significativa do sujeito, ou seja, fundamentar em valores éticos.

[...] a intencionalidade de suas práticas também se faz pela sensibilidade valorativa da subjetividade. O agir humano implica, além de sua referência cognoscitiva, uma referência valorativa. Com efeito, a intencionalidade da prática histórica dos homens depende de um processo de significação simultaneamente epistêmico e axiológico. Daí a imprescindibilidade das referências

éticas do agir e da explicitação do relacionamento entre ética e educação. (SEVERINO, 2001, p.4).

A escola, como mostra Rios (2008), não tem apenas o papel de sociabilizar o saber, ou seja, apenas formar o aluno para a sociedade a qual está inserido, mas ela deve levar o educando a pensar essa sociedade, já que ensinar vai muito além de apresentar um conteúdo. É levar o sujeito/indivíduo a construir saberes, construir e reconstruir ideias.

[...] ensinamos e aprendemos, juntos. Vivenciamos experiências, juntos. Construimos, reconstruimos, destruimos, inventamos algo, juntos[...]. Ela vai além ao mostrar sobre o ensinar, “O ensino tem seu significado articulado ao da aprendizagem. Mas é importante, ao chamar atenção para a aprendizagem, que não se esqueça do ensino. Até porque, no gesto de ensinar, guardam-se enormes oportunidades de o professor aprender. (Rios, 2008, p. 78)

A autora reconhece que ensinar vai além do conteúdo, então, por que na atualidade nossas escolas insistem tanto em conteudismo? “criamos possibilidades de o educando desenvolver a capacidade de dominar as estruturas, que são usadas para construir o pensar, e de agir e sistematizar sua ação [...] A atitude do professor ensina. O gesto do professor fala” (RIOS, 2008. p. 83) Por isso, é fundamental que nós professores, possamos estabelecer relações de interação com esses sujeitos em construção. Mas, será que nosso trabalho está de fato criando tais condições para essa interação?

---

<sup>5</sup> O princípio de intencionalidade é que a consciência é sempre ‘consciência de alguma coisa’, que ela só é consciência estando dirigida a um objeto (sentido de intento). Por sua vez, o objeto só pode ser definido em sua relação à consciência, ele é sempre objeto-para-um-sujeito.



A educação e a escola, embora sejam realidades distintas, são indissociáveis e, há discussões acerca do sentido de ambas, seja em relação a valores e princípios e ainda sobre seus fins. Impõe, portanto, falar da questão ética<sup>6</sup>, pois “a dimensão ética da existência e da educação tem sido preterida em proveito de sua dimensão política [...] entendida e assumida como doutrinação como se esta, construíse e pudesse explicar o ser humano e a educação” (COÊLHO e GUIMARÃES, 2012, p.333).

Sendo assim, o trabalho do professor como está sendo realizado na atualidade estará criando possibilidades para a formação em sentido amplo, que leve o ser humano a emancipação, liberdade e autonomia? Essa discussão envolve vários setores sociais, tanto no plano público como privado e, é relevante salientar que o trabalho intelectual para a formação humana está inserido no mundo da leitura, da escrita, do estudo, da ciência, da tecnologia, da filosofia, das letras e das artes. Trabalhar no sentido de favorecer que o ser humano o entenda e reflita sobre si mesmo e o mundo é responsabilidade primeira da escola e do professor. Nessa perspectiva, é fundamental lembrar que a busca e a prática do saber são intrínsecas à questão política da educação e da formação do homem e da humanidade.

### **3. Formação humana ou instrumentalização?**

Pensar a escola, o conhecimento, a educação e a formação, também, a relação existente entre o conhecimento para formação humana ou para instrumentalização parece fundamental e indispensável para compreender a ideologia neoliberal que orienta esse

processo com vistas a fazer com que a escola se distancie daquilo que constitui sua natureza e fins, como afirma Coêlho (2011, 2012). Nesse contexto, percebe-se o quão a sociedade está em uma busca acelerada pelo progresso, não se atentando pelas graves mazelas sociais como miséria, fome, desigualdade, opressão, mirando esse progresso a qualquer preço.

Sabe-se que a Educação tem uma relação intrínseca com a escola e, ambas visam a formação humana, no entanto, o que se observa na escola hoje é, de modo geral, uma formação voltada para o empreendedorismo, para o utilitarismo, a instrumentalização e a profissionalização do sujeito, visando prepará-lo para o mercado de trabalho. Daí a relevância de pôr a educação e a escola no centro do debate, quer dizer, é necessário pensar a responsabilidade da escola e de como ela tem se distanciado daquilo que foi a educação clássica do sentido de *paideia*, a formação cívica e cultural do indivíduo para uma vida junto a sua polis. Uma educação que desenvolva o ser humano num movimento maior, ou seja, a plenitude de sua existência.

Sem se perder na esfera do empírico e do imediato, do que interessa apenas aos indivíduos e suas famílias, os gregos dos séculos V a IV a.C. sabiam que, sendo “por natureza” um ser político, constituído na efetiva participação da vida da polis, é próprio do homem, no sentido genérico do termo, viver coletividade, de forma civilizada. (COÊLHO, 2012, p.325).

Nos últimos anos, tem-se visto uma crescente mudança e discussões acerca da escolarização que cedendo as exigências de uma sociedade capitalista e pelas instituições ligadas ao Estado, tem promovido mudanças significativas naquele que era o seu papel transformador, formador que conferiria aspectos so-

---

<sup>6</sup> Ética e sua conceituação não será objeto de estudo neste artigo.

bre aquisição do conhecimento através da formação do ser humano, ou seja, uma educação que buscasse elevar o homem em sua essência. Mas como se deu essa ruptura sobre essa escolarização? Podemos considerar que com o capitalismo vigente e as exigências mercadológicas desde meados do século XX, o Estado, em sintonia com orientações neoliberais têm promovido políticas públicas voltadas a educação, tendo como discurso a busca pela qualidade, embora, o que de fato visa é a instrumentalização do conhecimento e da formação.

Em nome do direito à educação de qualidade, de uma transformação na educação, da escola pública e de sua melhoria, cria projetos e programas de governo, chamados de “políticas”, que podem até deixar satisfeitos alguns professores, mas têm feito a alegria dos empresários que produzem e comercializam máquinas, artefatos tecnológicos e *softwares* voltados para a educação (COELHO, 2012, p. 324).

É sabido por muitos que a educação desde a Grécia Antiga priorizava a verdade, a liberdade, a democracia, a ética e a formação do ser humano. Os gregos viam o homem como um ser político partícipe em sua *pólis*, que é próprio dele viver em comunidade de forma civilizada. Somente na cidade, *pólis*<sup>7</sup>, como “comunidade de vida entre vários seres humanos diferentes” (WOLFF, 1999, p. 40) sendo assim, os gregos, procuravam fazer do homem um ser pleno, um ser em excelência, *areté*, ou seja, virtuoso<sup>8</sup>. Essa visão grega tem se perdido ao longo de nossa história, porém é possível que possamos pro-

vocar a nossa sensibilidade, o nosso pensamento na contemporaneidade para um futuro mais próximo do passado grego, ou seja, buscar uma formação em sentido amplo, a *areté*, virtuosa.

Como movimento civilizatório e de humanização de todos os homens, como *práxis*, a educação visa a elevar o gênero humano à excelência, *areté*, desenvolver o que nele há de melhor como possibilidade e disposição, realizar a plenitude de sua existência, especialmente no que se refere à vida coletiva e a tudo o que é humano. O que se busca na educação e na escola não é preservar a situação atual dos indivíduos, da sociedade e da humanidade, mas a ideia mesma, o projeto de uma sociedade e de uma humanidade melhor, fundadas na liberdade, na igualdade, na justiça e na fraternidade, como algo a ser realizado (COELHO, 2012, p. 326).

Hodiernamente, em relação a educação, a crescente busca pela formação para o mercado de trabalho, para o desenvolvimento científico-tecnológico ignorando que “é sobretudo a dimensão ético-política do homem e da sociedade, a elevação espiritual, a humanização de todos os homens, grupos, povos e instituições, enfim, a realização de sua dimensão humana” (COELHO e GUIMARÃES, 2012, p.326) que devem ser consideradas quando a questão é formação do homem.

A educação está presente na sociedade desde a Antiguidade e, ela é fundamental para que o indivíduo possa ter sua autonomia, sua liberdade dentro de parâmetros éticos em um ambiente plural que o leve a uma transformação interna e plena, ou seja,

<sup>7</sup> A polis grega eram as cidades estados da Grécia Antiga, as quais foram fundamentais para o desenvolvimento da cultura grega no final do período homérico, período arcaico e período clássico. ... O termo “polis” em grego significa “cidade”

<sup>8</sup> Aretê ou areté (do grego ἀρετή aretê,ês, “adaptação perfeita, excelência, virtude”) é uma palavra de origem grega que expressa o conceito grego de “excelência” de qualquer tipo, ligado especialmente à noção de “virtude moral”, [2] de cumprimento do propósito ou da função a que o indivíduo se destina.

uma educação como expressão da existência humana, “atividade eminentemente humana e, também, sociopolítica, a educação é bem mais ampla e complexa, significativa e importante do que a instituição, escola” (COELHO e GUIMARÃES, 2012, p. 326). O autor põe em debate a questão da educação e da escola para além do imediato e utilitário.

[...] a educação, que tem como objetivo a formação de seres humanos, de sujeitos, por meio de complexas relações sociopolíticas, culturais e educativas, é parte do trabalho de emancipação humana, de superação dos preconceitos, do senso comum, da banalização e da superficialidade dos saberes pretensamente críticos e de tudo o que é estreito, limitado e reducionista; enfim, do esforço dos homens para a saída de sua menoridade”, da “incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo (KANT, 2005, p.63)

A educação nos últimos anos no Brasil tem sido uma preocupação mercadológica, contrariando, a ideia filosófica de formação humana do cidadão, uma educação capaz de provocar a reflexão sobre si mesmo e sobre o mundo. Há na sociedade uma preocupação em formar o indivíduo para passar no vestibular, preparar para o mercado de trabalho. Predominando, portanto, uma prática mercantilista, empobrecendo e limitando o movimento do pensamento autônomo. Aquele pensamento que eleva o ser humano, instigando-o a autonomia e liberdade, aquela ideia de *paideia*, ou seja, formação cultural.

O que vemos na sociedade, na educação, na cultura e na escola é a tendência de aceitar uma cultura rápida e superficial, um saber que tende a transformar crianças, jovens e adultos em fiéis consumidores de bens e serviços, em funcionários do Estado, trabalhadores eficientes, indivíduos bem-sucedidos na vida e nos negócios

[...] ao reduzir o real a mercadoria, a sociedade capitalista torna descartáveis a força de trabalho, as ideias, os projetos, as escolhas, as ações, os valores, enfim, as pessoas (COELHO, 2012, p.332)

Essa banalização do saber, por mero instrumento e/ou produto vai empobrecendo a formação do indivíduo em sua plenitude. A escola, quiçá a educação vai se deixando levar pelas instituições sociais e um conflito se estabelece entre o verdadeiro sentido da educação que é elevar o pensamento, ou seja, levar o ser humano a apropriar do conhecimento. Sendo essa busca do conhecimento de si e do mundo, de tudo que nos cerca, é que acontece a educação, a formação humana, tornando possível o surgimento da autonomia e da liberdade do ser. Segundo Coelho (2012) a educação e a escola não podem ser pensadas como sendo fábricas, pois não o são. Pensá-las a partir da lógica do mercado significa desprezar e ignorar aquilo que constitui sua natureza e fins.

Desse modo, como assevera Barcelos (2017), a lógica do mercado, a orientação sob a ideia de competência atua com vistas a silenciar o sentido constitutivo da educação e da formação. Nessa direção, Chauí (2016), ao criticar o modelo de educação e formação neoliberal, lembra que a adesão e defesa da instrumentalidade no campo da educação dificultam o trabalho do pensamento no campo da educação. Cada vez mais o espaço da reflexão, da dúvida, do trabalho intelectual vem sendo mingua-do e solapado nessa sociedade. Segundo a autora, a sociedade contemporânea privilegia a docilidade e a domesticação do pensamento e isso não pode ser entendido como formação, não no sentido pensado pelos gregos antigos.

Assim, pensar a educação, o trabalho intelectual e a formação humana é, principalmente, considerar a natureza humana naquilo que a distingue de ou-

tras, considerar a capacidade de criação relativa ao que existe e ao que pode vir a existir e esse trabalho que diz respeito ao homem e a humanidade supõe a compreensão do passado em vista da construção de um futuro melhor. Esse futuro, certamente, reconhecendo a importância de pensar a educação em sentido amplo visando a elevação do ser humano, buscando o seu devir, quer dizer, buscando a confirmação da humanidade do homem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das leituras e reflexões realizadas, este trabalho apresentou um breve histórico acerca da trajetória da educação desde a Grécia clássica à Modernidade e Cambi (1999) foi fundamental para a apreensão desse deslocamento conceitual. Conforme o objetivo deste artigo, procuramos trazer uma reflexão acerca da formação humana na contemporaneidade. Procuramos também, mostrar como a escola, orientada sob a lógica do mercado, tem se distanciado do trabalho de busca pelo conhecimento e do exercício do pensamento e da reflexão. O estudo buscou mostrar que a experiência do pensamento, a educação e a formação só se

realizam de modo propositivo por meio da leitura, da escrita, da arte, da filosofia, enfim, da abertura ao mundo da cultura, por meio da *paideia* grega como supunha a educação clássica. Pensar a formação nesse sentido supõe considerar a cultura em todas as suas formas, reconhecendo a escola como lugar privilegiado de iniciação à cultura, ao mundo das letras, da arte, da filosofia e da sensibilidade, ou seja, a escola como possibilidade de materialização da formação humana para além de mera instrumentalização.

Assim, reconhecer a importância da Grécia antiga na história do ocidente, da filosofia como exercício do pensamento e possibilidade de compreensão de si e do mundo não significou, de modo algum, tomar esse passado como algo pronto que deve ser seguido. Antes, esse retorno ao passado tem o objetivo central de pôr em questão a responsabilidade da escola contemporânea como espaço de formação humana e não de preparação para o trabalho, como pretende o projeto neoliberal. A reflexão sobre o campo da educação em geral, da escola e da formação em particular, supõe a necessidade de ir além do projeto de formação para o trabalho por meio da instrumentalização.

## Referências bibliográficas

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 7. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BARCELOS, Simone de Magalhães Vieira. *Filosofia, Exercícios espirituais e formação do homem na Antiguidade* [manuscrito] / Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Educação. Goiânia, 2017.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

COÊLHO, Ildeu Moreira. *Escritos Sobre o Sentido da Escola. Organização*. Campinas-SP Mercado das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *Cultura e Educação: Questão a ser pensada, realidade a ser inventada*. UFG-XXIV Congresso de Educação do Sudoeste – Campus Jataí-GO 2008.

\_\_\_\_\_. *Pensando o trabalho Educativo*. Revista Educativa, v.14, n.2, p.313-326, jul./dez.2011.

\_\_\_\_\_. *Educação, cultura e formação: o olhar da filosofia/Organização*. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2009.

COÊLHO, Ildeu Moreira; GUIMARÃES, Ged. EDUCAÇÃO, ESCOLA E FORMAÇÃO. Revista Inter Ação, Goiânia, v. 37, n. 2, p. 323–340, 2012. DOI: 10.5216/ia.v37i2.20728.

CHAUÍ, Marilena. Ideologia e educação. *Revista Educação e Pesquisa*, v. 42m b,1, p. 245-257, jan./mar.:São Paulo, 2016.

\_\_\_\_\_. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Moderna, 1980.

KANT, Immanuel. Que é o “Esclarecimento”?[Aufklärung]. **Textos seletos**. Tradução de Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 2005.

MARROU, Henri Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. Editora: Epu, 1975.

PLATÃO. **Diálogos / Platão; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha**; tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. — 5. ed. — São Paulo: Nova Cultural, 1991. — (Os pensadores)

RIOS, Terezinha Azerêdo. A dimensão ética da aula ou o que nós fazemos com eles. In: **Aula: Gênese, Dimensões, Princípios e Práticas**. VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org). Campinas, SP: Papyrus Editora, 2008. p. 73-93

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, Sujeito e História**. São Paulo: Ed.Olhodágua, 2001.

WOLFF, Francis. **Três utopias contemporâneas**. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: UNESP, 1999.